

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

EVELISIE ALVES

**POR QUE MULHERES SE IMPORTAM COM CONSENTIMENTO EM SEUS  
LIVROS DE ROMANCE?**

SÃO CARLOS  
2025

EVELISIE ALVES

POR QUE MULHERES SE IMPORTAM COM CONSENTIMENTO EM SEUS LIVROS  
DE ROMANCE?

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como  
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em  
Linguística pela Universidade Federal de São Carlos

Orientador: Prof. Dr. Lucas Vinicio de Carvalho Maciel

São Carlos  
2025

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pela paciência. E a todas as mulheres que vieram antes, que os escreveram seus romances, mesmo quando não podiam, as que os esconderam quando tentaram as envergonhar e as que agora se orgulham deles.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Lucas Vinicio de Carvalho Maciel, pela condução dessa pesquisa e principalmente por sua paciência e empatia.

À professora Luciana Nogueira, que gentilmente aceitou integrar a banca examinadora, compartilhando seu conhecimento e contribuindo para o aprimoramento deste trabalho.

Aos professores do Departamento de Letras, por terem me ensinado a buscar, a entender e por sempre acolherem os alunos em suas dúvidas.

Aos colegas de curso, Bruna, Mariana, Maria Eduarda e Rodrigo, que, mesmo tão diferentes, foram meu primeiro grupo. A Ana, Amarildo, Gabriela e Lucas, que tornaram o retorno mais fácil. A Malik e Ana Liria, por estarem comigo dentro e fora do curso. E a Beatriz, por tudo.

Aos colegas da UFSCar, Abrãao, Aline, Ana, Brenda, João e Guilherme, que me apoiaram e me abraçaram, nada me faria mais feliz que uma horinha no 1102.

À Mariana, que veio comigo até aqui, nunca vou esquecer de como amava descer até o 11 e de todas as horas que compartilhamos voltando pra casa.

À Lya, sem você esse trabalho nunca existiria, obrigada por ler comigo.

Aos meus pais, minha irmã e meu sobrinho, que estiveram comigo durante a construção dessa pesquisa.

“I wanna be defined by the things that I love,  
not the things I hate, not the things I'm afraid  
of, or the things that haunt me in the middle of  
the night, I just think that you are what you  
love”.

(Taylor Swift, 2019)

## RESUMO

Este trabalho analisa como o consentimento é construído discursivamente em romances escritos por mulheres, à luz dos conceitos de signo ideológico e de relações dialógicas (Bakhtin, 2011; Volóchinov, 2017). A partir de quinze obras de subgêneros diversos do gênero romance (contemporâneo, histórico, fantasia), realizamos uma análise qualitativa de trechos em que o consentimento é verbalizado, negociado ou revogado. Os objetivos de pesquisa foram: (i) descrever os marcadores linguísticos do consentimento (interrogativas diretas, modalizadores, pausas, gestos); (ii) examinar as relações de poder implicadas na cena (agência, cuidado, assimetrias); (iii) interpretar o consentimento como signo ideológico em disputa entre autonomia e hierarquia. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter indutivo, exploratório e explicativo, combinando procedimentos de análise discursiva e análise interpretativa de trechos selecionados dos romances, em diálogo com a teoria bakhtiniana. Os resultados indicam predominância de consentimento processual (perguntar–responder–confirmar–revogar), com forte ênfase em conforto e segurança, ao lado de tensões em que a checagem convive com traços paternalistas (“confia em mim?”, por exemplo). Concluimos que o romance popular contemporâneo funciona como laboratório discursivo: normaliza práticas de negociação e revogabilidade do desejo, ao mesmo tempo em que refrata ideologias de gênero do seu tempo.

**Palavras-chave:** consentimento; dialogismo; signo ideológico; romances contemporâneos; autoria feminina.

## ABSTRACT

This monograph analyzes how consent is discursively constructed in romance novels written by women (2006–2023), in the light of the concepts of ideological sign and dialogic relations (Bakhtin, 2011; Volóchinov, 2017). Based on fifteen works from different subgenres of the romance genre (contemporary, historical, fantasy), we carried out a qualitative analysis of excerpts in which consent is verbalized, negotiated or revoked. The research objectives were: (i) to describe the linguistic markers of consent (direct questions, modalizers, pauses, gestures); (ii) to examine the power relations implied in the scenes (agency, care, asymmetries); (iii) to interpret consent as an ideological sign in dispute between autonomy and hierarchy. The study adopts a qualitative, inductive, exploratory and explanatory approach, combining discourse analysis with the interpretative reading of selected passages, in dialogue with Bakhtinian theory. The results indicate a predominance of processual consent (asking–answering–confirming–revoking), with strong emphasis on comfort and safety, as well as tensions in which checking coexists with paternalistic traits (“trust me?”, for example). We conclude that contemporary popular romance functions as a discursive laboratory: it normalizes practices of negotiation and revocability of desire, while refracting the gender ideologies of its time.

**Keywords:** consent; dialogism; ideological sign; contemporary romance novels; women’s authorship.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LINGUAGEM, IDEOLOGIA E VOZES NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO .....</b>	<b>13</b>
2. 1 O GÊNERO ROMANCE COMO DISCURSO SOCIAL .....	13
2. 2 O SIGNO IDEOLÓGICO E A LINGUAGEM EM BAKHTIN E VOLÓCHINOV .....	14
2. 3 RELAÇÕES DIALÓGICAS, IDEOLOGIA DO CONSENTIMENTO E A AUTORIA FEMININA .....	14
<b>3 METODOLOGIA DE PESQUISA E COLETA DE DADOS: CENAS, VOZES E MARCAS LINGUÍSTICAS .....</b>	<b>18</b>
3. 1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	18
3. 2 SELEÇÃO DO CORPUS .....	19
3.3. CRITÉRIOS DE INTERPRETAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES LINGUÍSTICOS E IDEOLÓGICOS .....	20
<b>4 ANÁLISE DE DADOS: VOZ, CORPO E NEGOCIAÇÃO: O CONSENTIMENTO EM CENA .....</b>	<b>21</b>
4. 1. ANÁLISE DO CORPUS .....	21
4. 2 ANÁLISE DOS TRECHOS .....	22
4. 2. 1 <i>O acordo</i> – Série Amores Improváveis (2016) .....	22
4. 2. 2 <i>O erro</i> – Série Amores Improváveis (2016) .....	24
4. 2. 3 <i>A muralha de Winnipeg e Eu</i> (2016) .....	24
4. 2. 4 <i>Cinquenta tons de cinza</i> (2012) .....	25
4. 2. 5 <i>Casada até quarta</i> (2017) .....	26
4. 2. 6 <i>Conquistada até terça</i> (2017) .....	27
4. 2. 7 <i>A hipótese do amor: Capítulo extra</i> (2022) .....	28
4. 2. 8 <i>Dom</i> – Alliance Series (2023) .....	29
4. 2. 9. <i>Sleet Sugar</i> – Sleet Series (2021) .....	30
4. 2. 10 <i>Sweet Addiction</i> – Whiskey Men: Wounded Heroes (2023) .....	32
4. 2. 11. <i>Forging Silver into Stars</i> – Brigid Kemmerer .....	32
4. 2. 12 <i>That Self-Same Metal</i> – Brittany N. Williams .....	33
4. 2. 13 <i>O príncipe corvo</i> – Elizabeth Hoyt .....	34
4. 2. 14 <i>Em chammas</i> – Suzanne Collins .....	35
4. 2. 15 <i>A Maldição do Tigre</i> – Colleen Houck .....	36
4. 3 SÍNTESE ANALÍTICA: SIGNO IDEOLÓGICO E RELAÇÕES DIALÓGICAS DO CONSENTIMENTO .....	38

4. 4 PADRÕES RECORRENTES .....	40
4. 5 QUEM ESCREVE/PARA QUEM SE ESCREVE: AUTORIA, LEITORADO E FUNÇÃO DO CONSENTIMENTO .....	41
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o gênero romance tem se consolidado como um dos espaços mais expressivos de elaboração simbólica das relações entre gênero, desejo e poder. Por meio da linguagem literária, essas narrativas não apenas contam histórias de amor, mas constroem representações sociais e ideológicas sobre o corpo, o afeto e as formas de se relacionar. Nesse cenário, o consentimento passa a ocupar lugar central como elemento organizador das cenas de intimidade, funcionando como um ponto de articulação entre linguagem, ética e relações de poder.

Esse movimento se intensifica no contexto contemporâneo, marcado pela ampliação da produção, circulação e consumo de romances escritos por mulheres, especialmente no mercado editorial popular e digital. Plataformas como Wattpad, Kindle Unlimited e, mais recentemente, redes sociais mediadas por algoritmos, como o BookTok, ampliaram a visibilidade de narrativas centradas na experiência feminina, no desejo e nas relações afetivas. Tal cenário não apenas potencializou a circulação do romance como gênero de massa, mas também favoreceu a emergência de regularidades discursivas específicas, entre elas a recorrência de práticas linguísticas voltadas à verificação, negociação e confirmação do consentimento.

A presença reiterada do consentimento nesses romances não pode ser compreendida apenas como escolha estilística ou tendência temática. Trata-se de uma resposta discursiva a condições históricas e sociais específicas, marcadas pela intensificação dos debates públicos sobre violência sexual, autonomia corporal, desigualdade de gênero e ética das relações íntimas. Nesse contexto, o romance contemporâneo de autoria feminina funciona como um espaço simbólico privilegiado, no qual essas disputas são refratadas, negociadas e reinscritas na linguagem literária, alcançando um público amplo e majoritariamente feminino.

O consentimento, que se tornou pauta central nas discussões contemporâneas sobre gênero e sexualidade, extrapola o campo jurídico e os debates acadêmicos e passa a atravessar práticas culturais amplamente consumidas, como a literatura de romance. Em especial, observa-se que romances escritos por mulheres incorporam, de modo recorrente, cenas em que o consentimento é verbalizado, negociado, confirmado ou revogado, transformando a linguagem do desejo em um espaço explícito de diálogo. Esse deslocamento implica uma reformulação das narrativas amorosas tradicionais, que por muito tempo romantizaram a ausência de escolha feminina e naturalizaram assimetrias de poder.

O romance contemporâneo ocupa um lugar singular nesse processo por sua ampla circulação e por seu público predominantemente feminino. Trata-se de um gênero consumido

sobretudo por mulheres jovens e adultas, que encontram nesses textos não apenas entretenimento, mas também espaços de identificação, elaboração afetiva e experimentação simbólica de formas possíveis de relação. Assim, a recorrência do discurso de consentimento sugere que essas narrativas funcionam como um verdadeiro laboratório discursivo, no qual se testam modos de dizer o desejo, o limite, a recusa e a possibilidade de mudança de decisão.

A circulação massiva desses textos é, portanto, um elemento central para a análise. Ao se repetir em diferentes obras, subgêneros e contextos narrativos, determinadas formas de perguntar, confirmar e negociar o desejo tendem a se naturalizar, produzindo efeitos de sentido que ultrapassam o espaço da ficção. Nesse sentido, o romance popular não apenas reflete transformações sociais em curso, mas participa ativamente da construção de novos regimes de sensibilidade e de linguagem em torno do consentimento.

É a partir dessa perspectiva que o presente estudo tem como objetivo analisar o discurso de consentimento em romances contemporâneos escritos por mulheres, compreendendo-o à luz dos conceitos de signo ideológico e de relações dialógicas formulados por Bakhtin (2011) e Volóchinov (2017). O objetivo geral da pesquisa é investigar como o consentimento se constrói discursivamente nessas narrativas, considerando suas implicações ideológicas e suas relações com a distribuição de agência entre as personagens. A partir desse objetivo geral, derivam-se os seguintes objetivos específicos: (a) observar como o discurso de consentimento é mobilizado nas interações entre personagens; (b) analisar quem escreve esses romances e para quem eles são escritos; (c) investigar os mecanismos linguísticos e ideológicos que sustentam o consentimento como prática discursiva; e (d) relacionar essas análises aos conceitos de ideologia, poder e linguagem.

A pesquisa se justifica pela relevância social e discursiva do tema. No campo dos estudos da linguagem, o consentimento ultrapassa o âmbito moral e pode ser compreendido como signo ideológico, isto é, como forma simbólica por meio da qual se negociam liberdade, dominação e reconhecimento. No campo dos estudos literários, o romance, especialmente aquele escrito por mulheres, constitui-se como um gênero discursivo no qual a fala feminina assume centralidade e confronta normas históricas de silenciamento e submissão. Assim, ao focalizar romances de autoria feminina, este trabalho propõe compreender o consentimento não apenas como regra normativa, mas como prática de fala que responde a uma história de silenciamento do feminino e à necessidade social de reaprender a dizer, e a ouvir, o desejo.

Do ponto de vista teórico, o estudo fundamenta-se nos conceitos de signo ideológico e de relações dialógicas, formulados por Volóchinov (2017) e Bakhtin (2011), bem como nas reflexões de Bakhtin (2011) sobre a literatura de Dostoiévski, no que se refere à construção de

múltiplas vozes no discurso. A pesquisa estrutura-se em quatro capítulos, além desta introdução: o capítulo 2 apresenta os fundamentos teóricos; o capítulo 3 descreve a metodologia e os procedimentos analíticos; o capítulo 4 desenvolve a análise do corpus; e, por fim, o capítulo 5 reúne as conclusões e possíveis desdobramentos da investigação.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LINGUAGEM, IDEOLOGIA E VOZES NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO

A seguir apresentamos os principais pilares teóricos que sustentam esta pesquisa, articulando as ideias do Círculo de Bakhtin à análise do romance enquanto gênero discursivo.

Esta parte está organizada em três seções: a primeira discute o romance como discurso social; a segunda aborda o signo ideológico e a linguagem em Bakhtin e Volóchinov; e a terceira analisa as relações dialógicas e a ideologia do consentimento no contexto da autoria feminina.

### 2.1 O GÊNERO ROMANCE COMO DISCURSO SOCIAL

O romance é um dos gêneros discursivos mais complexos da modernidade, em que se articula a experiência individual e a consciência social.

É nesse contexto que os romances contemporâneos escritos por mulheres adquirem relevância crítica. Esses textos se apropriam de um gênero historicamente dominado por representações masculinas e constroem novas narrativas de desejo, autonomia e consentimento.

Segundo dados da *Romance Writers of America* (2021), 82% dos leitores de romance são mulheres, enquanto apenas 18% são homens o que evidencia o predomínio de uma leitura voltada à experiência feminina.

Para o desenvolvimento desta análise, partimos do entendimento de que livros de romance, sendo eles históricos, de aventura, de fantasia e outros subgêneros são amplamente consumidos por mulheres, que buscam em seus livros vozes femininas. Vamos considerar neste trabalho apenas livros escritos por mulheres, para podermos reforçar o discurso analisado.

No mercado de romance popular, a predominância de leitoras femininas impulsiona estratégias editoriais e de autoria que envolvem o uso de pseudônimos de gênero. Estudos e relatos históricos apontam que autores masculinos publicavam sob nomes femininos para que seus livros fossem mais bem aceitos pelo público-alvo, como no caso de Tom Huff, que escreveu como “Jennifer Wilde”, e Harold Lowry, que escreveu como “Leigh Greenwood”.

Essa prática demonstra como o romance é um espaço ideológico em que a identidade autoral é negociada segundo as normas de gênero e mercado, o que reforça a natureza discursiva do próprio gênero.

## 2. 2 O SIGNO IDEOLÓGICO E A LINGUAGEM EM BAKHTIN E VOLÓCHINOV

Volóchinov (2017), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, propõe que toda palavra é um signo ideológico, isto é, um elemento material que carrega valores, crenças e conflitos sociais. O autor afirma que “a palavra é o ideologema por excelência” (Volóchinov, 2017, p. 39) e que “todo signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (Volóchinov, 2017, p. 32). Assim, a linguagem nunca é neutra ou transparente: ela é uma matéria carregada de valores e visões de mundo que refletem e refratam a realidade social.

No contexto do romance, o signo ideológico se manifesta nas palavras que negociam o poder, o afeto e o corpo. Expressões como “Posso?”, “Quer que eu pare?” ou “Você pode mudar de ideia” deixam de ser meras perguntas e tornam-se marcadores discursivos de disputas contemporâneas sobre gênero, poder, autonomia corporal e ética sexual. A palavra, portanto, é o terreno em que essas ideologias se tornam visíveis e negociáveis.

Complementarmente, Bakhtin (2011), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, apresenta o conceito de dialogismo, essencial para compreender a interação entre as vozes no discurso do consentimento. Para o autor, “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Ela se orienta para o interlocutor, é influenciada pela presença do parceiro do discurso” (Bakhtin, 2011, p. 113). O sentido, portanto, não reside na palavra isolada, mas no encontro entre consciências.

Quando um personagem pergunta “Você está bem com isso?” ou “Quer que eu pare?”, ele não apenas busca uma resposta informativa. Ele instaura um espaço dialógico, abrindo caminho para que a vontade do outro se manifeste e se torne co-constitutiva da ação. O consentimento, nessa perspectiva, é construído linguisticamente como um ato de resposta, um enunciado que pressupõe escuta, reciprocidade e alteridade. O “sim” ou “não” só adquirem sentido pleno dentro dessa relação responsiva.

## 2. 3 RELAÇÕES DIALÓGICAS, IDEOLOGIA DO CONSENTIMENTO E A AUTORIA FEMININA

A articulação entre signo ideológico (Volóchinov, 2017) e dialogismo (Bakhtin, 2011) permite compreender o consentimento nos romances como um signo em disputa, simultaneamente um instrumento de liberdade e um mecanismo que pode reafirmar hierarquias.

A palavra, ao mesmo tempo em que possibilita a autonomia, também carrega as marcas das ideologias que a constituem. Assim, o discurso do consentimento revela as tensões entre poder, afeto e controle, reproduzindo e reconfigurando as normas sociais sobre gênero e sexualidade.

Por um lado, a verbalização do consentimento pode representar uma ruptura com narrativas históricas de silenciamento feminino. Ao dizer “sim” ou “não”, a mulher ocupa o espaço de sujeito da linguagem, rompendo com a ideia de passividade e reivindicando o direito à autodeterminação do corpo e da palavra.

Por outro lado, a forma como o consentimento é solicitado pode expor assimetrias de poder. O pedido de permissão feito pelo personagem masculino, ainda que aparente respeito, pode carregar uma ideologia paternalista, em que o homem “autoriza” a mulher a ter voz, mantendo-se como o agente que regula o ritmo e o desfecho da interação.

Essa ambiguidade é inerente à linguagem, como explica Bakhtin (2011): “toda palavra vive numa tensão entre duas forças, o centrípeto (que busca a unidade e a estabilidade) e o centrífugo (que busca a diversidade, a mudança e o diálogo)” (Bakhtin, 2011, p. 84).

O consentimento, enquanto prática discursiva, situa-se justamente nesse ponto de tensão: entre o desejo de controle e a abertura ao outro, entre a norma social e a experiência subjetiva.

Nos romances analisados, essa tensão se manifesta de diferentes formas.

Em cenas em que o homem pergunta “Confia em mim?”, como em *Cinquenta Tons de Cinza*, o signo do consentimento assume caráter centrípeto, concentrando o poder de decisão em uma relação de confiança que pode ocultar hierarquias e delegações de agência.

Já em passagens em que o homem pergunta “Posso?” e recebe um “Pode” afirmativo, como em *O Acordo*, o signo opera de modo centrífugo, instaurando um diálogo mais simétrico, no qual o consentimento é efetivamente compartilhado.

Dessa forma, o discurso do consentimento se revela como um signo ideológico ambíguo: ele expressa tanto o avanço em direção a relações mais igualitárias quanto a persistência de estruturas simbólicas tradicionais.

O romance contemporâneo, nesse sentido, funciona como um microcosmo discursivo, um espaço em que a linguagem encena e negocia os limites entre liberdade e poder, desejo e moralidade, alteridade e dominação.

Diante dessas contradições, o consentimento deixa de ser apenas um tema narrativo e passa a ser um eixo organizador das relações discursivas dentro do romance. Ele não é apenas

o que separa o desejo da violência, mas o que revela o modo como as personagens, e por extensão as autoras, lidam com o poder de dizer “sim” ou “não” em contextos simbólicos e sociais. Essa dimensão permite compreender o romance como um espaço de experimentação ideológica, onde o discurso do consentimento se torna um espelho das disputas contemporâneas sobre autonomia e gênero.

A partir desses dados, pensamos na pergunta central deste trabalho: “Por que mulheres escrevem sobre consentimento para outras mulheres?”. O discurso do consentimento, que nesta pesquisa será considerado como o uso de frases ou ações voltadas à busca de uma resposta positiva diante de uma relação física, usado em livros de romance, parece à primeira vista apenas mais um texto sobre amor e desejo, porém uma análise mais detalhada revela que esses discursos são usados com alta frequência, de maneira que, às vezes, podem se repetir.

Segundo Bakhtin (2011), todo enunciado é essencialmente dialógico, pois se constrói em relação a outros discursos, sociais e históricos. Assim, os romances escritos por mulheres não apenas narram histórias de amor, mas também constroem espaços de disputa simbólica sobre o papel feminino e o significado do consentimento.

Nesse sentido, o romance, enquanto produto cultural, reproduz e tensiona essas ideologias, especialmente em torno do feminino. O discurso do consentimento, portanto, é também um campo de disputa simbólica, no qual se negociam poder, desejo e reconhecimento.

#### 2.4. O DISCURSO DE CONSENTIMENTO E A AUTORIA FEMININA

Para além da análise interna do texto literário, é necessário considerar as condições de produção que sustentam a emergência e a circulação do romance contemporâneo de autoria feminina. O discurso literário não se produz de forma isolada, mas se constitui em diálogo com contextos mais amplos de produção e circulação, que orientam os modos de dizer e os efeitos de sentido mobilizados pela linguagem.

No caso do romance popular contemporâneo, tais condições incluem a ampliação do mercado editorial voltado ao público feminino, a digitalização da leitura, a produção seriada e a interação constante entre autoras e leitoras em ambientes virtuais. Esses espaços favorecem a circulação de narrativas que tematizam explicitamente o desejo feminino, o cuidado e a negociação dos limites corporais, configurando um horizonte de expectativas no qual o consentimento passa a ocupar posição central como valor discursivo. A recorrência de determinadas formas linguísticas associadas à checagem e à confirmação do desejo não ocorre de maneira aleatória, mas responde a esse contexto específico de produção e circulação.

A formulação do consentimento nesses romances estabelece diálogo com discursos sociais mais amplos, como os feminismos, a educação sexual e os debates jurídicos e midiáticos sobre violência e abuso. Ao mesmo tempo, sua circulação massiva contribui para a naturalização de práticas discursivas de negociação e revogabilidade do desejo, de modo que o romance se constitui como um espaço privilegiado de experimentação ideológica. Nesse sentido, o consentimento não emerge como elemento isolado da ficção, mas como resposta discursiva a condições históricas específicas, nas quais a subjetividade feminina passa a ser enunciada como ativa, desejante e responsável por suas escolhas, ainda que atravessada por contradições ideológicas persistentes.

É a partir desse conjunto de determinações que se coloca a pergunta central deste trabalho: por que mulheres escrevem sobre consentimento para outras mulheres? O discurso do consentimento, entendido nesta pesquisa como o uso de enunciados verbais ou ações voltadas à obtenção de uma resposta positiva diante de uma relação física, pode parecer, à primeira vista, apenas mais um elemento narrativo ligado ao amor e ao desejo. No entanto, uma análise mais atenta revela que esses enunciados se repetem com alta frequência, configurando uma regularidade discursiva significativa no interior do gênero.

Segundo Bakhtin (2011), todo enunciado é essencialmente dialógico, pois se constrói em relação a outros discursos, sociais e históricos. Assim, os romances escritos por mulheres não apenas narram histórias de amor, mas também constroem espaços de disputa simbólica sobre o papel feminino, o corpo e o significado do consentimento. O romance, enquanto produto cultural, reproduz e tensiona ideologias em circulação, especialmente aquelas relacionadas às formas de viver e significar o feminino. O discurso do consentimento, nesse sentido, constitui-se como um campo de disputa simbólica, no qual se negociam poder, desejo e reconhecimento, tornando visíveis as tensões entre autonomia e hierarquia que atravessam as relações afetivas contemporâneas.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA E COLETA DE DADOS: CENAS, VOZES E MARCAS LINGUÍSTICAS

Como citado na “Introdução” e na “Fundamentação teórica”, faremos um estudo a partir de trechos retirados de livros classificados como romance contemporâneo. Iremos levar em consideração não apenas as falas dos personagens, mas também o contexto apresentado em cena.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, especialmente as obras *Marxismo e filosofia da linguagem* (Volóchinov, 2017) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (Bakhtin, 2011).

Busca-se compreender o discurso de consentimento como fenômeno ideológico e linguístico, observando de que modo ele se manifesta nos romances contemporâneos de autoria feminina.

#### 3.1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Este estudo segue a proposta metodológica de Volóchinov (2017), pois parte do contexto narrativo, passa-se para as relações de poder, e só então se examinam as estruturas linguísticas.

Essa escolha metodológica permite que a linguagem seja interpretada dentro de sua situação concreta de produção, evitando leituras meramente formais.

Em cada trecho analisado, serão descritos o enredo, o momento da narrativa e os papéis sociais das personagens (homem/mulher, dominante/subordinado, etc.). Esses elementos ajudam a compreender o lugar do consentimento dentro da cena e sua relação com as normas sociais de gênero.

Ao analisar as relações de poder, observa-se quem fala, quem pergunta, quem concede e quem responde. Bakhtin (2011) entende o diálogo como encontro de consciências, de modo que toda relação discursiva pode expressar uma disputa de poder. A análise procura revelar se o consentimento é representado como prática de liberdade ou como reafirmação de hierarquia.

Por fim, analisam-se os recursos linguísticos que constroem o consentimento, como o uso de modalizadores (“pode”, “talvez”, “quero”, “posso”), as repetições, pausas, hesitações, as perguntas e respostas diretas e os gestos e silêncios narrativos que funcionam como enunciados não verbais.

Cada expressão será interpretada como signo ideológico, ou seja, como unidade de sentido que materializa valores sociais em disputa.

### 3. 2 SELEÇÃO DO CORPUS

O corpus é composto por 15 romances publicados entre 2006 e 2023, sendo eles: *O Acordo* e *O Erro* de Elle Kennedy, *A Muralha de Winnipeg* e *Eu* de Mariana Zapata, *Cinquenta Tons de Cinza* de E. L. James, *Casada até Quarta* e *Conquistada até Terça* de Catherine Bybee, *A Hipótese do Amor* de Ali Hazelwood, *Em Chamas* de Suzanne Collins, *Os Homens do Rei* de Nora Sakavic, *Forging Silver into Stars* de Brigid Kemmerer, *That Self-Same Metal* de Brittany N. Williams, *Dom* de S. J. Tilly, *Sleet Sugar* de S.J.Tilly, *Sweet Addiction* de Ford Hope e *O Príncipe Corvo* de Elizabeth Hoyt, nos quais o consentimento é central nas interações entre personagens masculinos e femininos.

A escolha dessas obras se justifica pela diversidade de subgêneros, como contemporâneo, histórico e fantasia, e pela presença recorrente de cenas em que o consentimento é verbalizado, questionado ou performado. Essa presença torna possível observar como a linguagem, ao representar o desejo e o limite, reflete ideologias de gênero e poder.

Consideramos neles a presença explícita de diálogos de consentimento nas interações entre personagens masculinos e femininos.

As cenas foram selecionadas com base em sua relevância discursiva, tratando-se de momentos em que o consentimento é verbalizado, questionado ou performado.

Os romances escolhidos são:

*O Acordo* – de Elle Kennedy (2016) – *Série Amores Improváveis*

*O Erro* – de Elle Kennedy (2016) – *Série Amores Improváveis*

*A Muralha de Winnipeg e Eu* – de Mariana Zapata (2016)

*Cinquenta Tons de Cinza* – de E. L. James (2012)

*Casada até Quarta* – de Catherine Bybee (2017) – *Série Noivas da Semana*

*Conquistada até Terça* – de Catherine Bybee (2017) – *Série Noivas da Semana*

*A Hipótese do Amor* – Ali Hazelwood (2022)

*Forging Silver into Stars* – de Brigid Kemmerer (2022)

*That Self-Same Metal* – de Brittany N. Williams (2023)

*Dom* – de S. J. Tilly (2023) - *Alliance Series*

*Sleet Sugar* de S. J. Tilly (2021) - *Sleet Series*

Sweet Addiction – de Hope Ford (2023) - *Whiskey Men: Wounded Heroes*

*Em chamas* – de Suzanne Collins (2009)

*O Príncipe Corvo* – de Elizabeth Hoyt (2006; ed. brasileira 2017) – *Série Príncipes*

*A Maldição do Tigre* – de Colleen Houck (2011)

### 3.3 CRITÉRIOS DE INTERPRETAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES LINGÜÍSTICOS E IDEOLÓGICOS

A análise parte do princípio de que o romance é um gênero dialógico, no qual a palavra é sempre orientada para o outro (Bakhtin, 2011). Assim, cada diálogo é lido como ato responsivo, um evento de linguagem que articula emoção, poder e ideologia.

A metodologia privilegia a interpretação contextual, buscando compreender como os enunciados de consentimento expressam, resistem ou reproduzem ideologias de gênero. Aqui, entendemos “ideologia de gênero” como o conjunto de valores e expectativas socialmente construídos sobre masculinidades e feminilidades, que orientam práticas e discursos sobre corpo, desejo e poder.

Os trechos são analisados à luz das teorias do Círculo de Bakhtin, especialmente a partir dos conceitos de discurso dialógico e ideologia na linguagem. Bakhtin (2011) propõe que a linguagem é um fenômeno social e ideológico, em que os discursos são construídos em diálogo com outros discursos e refletem as relações de poder da sociedade.

Além disso, a leitura bakhtiniana de Dostoiévski será utilizada para compreender a complexidade das relações humanas e a forma como os personagens negociam o consentimento em situações de conflito ou desigualdade. Nesse sentido, a obra de Dostoiévski, a partir da análise de Bakhtin, serve-nos como referência para analisar a ambiguidade e a multiplicidade de vozes presentes nos romances selecionados.

A etapa final da metodologia buscará identificar padrões linguísticos e ideológicos que permeiam o discurso de consentimento nos romances selecionados. Para isso, serão observados:

- (i) estruturas linguísticas: uso de modalizadores (como "talvez", "pode ser"), verbos de ação e expressões que indicam hesitação ou certeza;
- (ii) relações de poder: formas como o consentimento é negociado em situações de desigualdade de gênero, classe social ou poder econômico, para analisar a ideologia;
- (iii) contexto narrativo: o modo como o cenário e as ações dos personagens influenciam na construção do consentimento.

## 4 ANÁLISE DE DADOS: VOZ, CORPO E NEGOCIAÇÃO: O CONSENTIMENTO EM CENA

A análise adota uma abordagem que articula estruturas linguísticas, relações de poder e contextos narrativos, segundo a perspectiva bakhtiniana de que todo enunciado é um ato social situado e ideologicamente orientado.

Cada romance foi lido como um evento discursivo no qual o consentimento é construído, tensionado e negociado entre vozes em conflito. Assim, para cada trecho, observaram-se:

- (i) marcadores linguísticos do consentimento (formas de perguntar, responder, hesitar e afirmar);
- (ii) dinâmicas de poder implícitas nas relações (quem tem a palavra, quem pede, quem autoriza);
- (iii) enquadramento narrativo, que condiciona e ressignifica o ato de consentir.

A análise seguiu o princípio bakhtiniano da relação dialógica, considerando o discurso como uma arena em que sentidos se confrontam entre forças ideológicas em disputa.

Na análise dos dados, os trechos selecionados dos romances são examinados com o objetivo de identificar como o discurso de consentimento é construído e como ele reflete e reforça estruturas de poder e ideologia. A análise será subdividida em categorias temáticas, conforme os padrões identificados nos trechos. Assim, examina-se a presença explícita de enunciados de consentimento (perguntas, checagens, negociações) em cenas afetivo-sexuais ou de intimidade corporal.

O consentimento aparece como ponto de inflexão da cena (suspende/autoriza ação), mas há também diversidade de forma: consentimento verbal (“posso?”, “tudo bem...?”), metalinguístico (“preciso ouvir você dizer”), não verbal (beijo, afastamento, pausa), e revogabilidade (possibilidade de mudar de ideia). Em sua variedade de contextos ideológicos podemos encontrar cenas que evidenciam hierarquias (idade, fama, status, classe) e cenas de paridade.

### 4.1 ANÁLISE DO CORPUS

A análise dos trechos toma o consentimento como prática discursiva que se materializa nas interações entre as personagens, especialmente por meio de enunciados interrogativos e responsivos. Expressões como “posso?”, “tudo bem se...?” ou “quer que eu pare?” suspendem

a ação e instauram um espaço de resposta, no qual se negociam posições de desejo, poder e agência no interior da cena narrativa.

Nesse movimento, o romance se configura como um espaço de confronto entre vozes sociais, em que os enunciados das personagens dialogam com valores mais amplos relacionados ao corpo, à liberdade e à moralidade. Ao organizar a cena íntima como processo negociado, o consentimento evidencia como essas vozes se articulam, se tensionam ou se reafirmam no interior do discurso literário.

Nesse contexto, o consentimento se configura como um ato de resposta orientado para o outro, por meio do qual se tornam visíveis forças de resistência e de dominação presentes na linguagem. Assim, o estudo compreende o romance como um gênero discursivo em que as relações entre palavra e poder se explicitam, permitindo analisar o consentimento não apenas como tema narrativo, mas como forma social de discurso.

## 4. 2 ANÁLISE DOS TRECHOS

A seguir, apresentamos a análise de trechos selecionados dos romances que compõem o corpus da pesquisa.

### 4. 2. 1 *O acordo* – Série Amores Improváveis (2016)

No romance *O acordo*, as personagens Hannah e Garrett são universitários que inicialmente estabelecem uma relação de conveniência. O trecho selecionado marca o momento em que o relacionamento se transforma em intimidade afetiva. O cenário é doméstico e privado — um quarto estudantil —, e o discurso é permeado por hesitação e confirmação, indicando a negociação do desejo e do limite.

#### ➤ Trecho do romance

Minha pulsação vai a mil quando ele desce a palma da mão por meu corpo. Ele hesita ao chegar à barra da camiseta, em seguida emite um som rouco e desliza os dedos por baixo dela.

Quando sua mão se move entre minhas pernas, paro de respirar. Quando seus dedos tocam meu clitóris por cima da minha calcinha, solto um gemido.

Ele interrompe o movimento. “Quer que eu pare?”

“Nossa. Não. Continua.”

Um risinho rouco sai de sua boca, e sua mão começa a se mexer de novo.”

[...]

“A respiração de Garrett faz cócegas em meu umbigo enquanto sua língua roça minha barriga. Posso sentir seus dedos trêmulos ao abrir o botão da minha calça jeans. Gosto de saber que pode estar nervoso, ou, no mínimo, que está tão empolgado quanto eu. Ele sempre transparece tanta desenvoltura e autoconfiança, mas agora, aqui, parece estar se agarrando ao último fio de equilíbrio.

“Posso?”, sussurra, deslizando a calça jeans e a calcinha por meus quadris. Em seguida, sua respiração acelera, e me sinto ligeiramente constrangida quando seu olhar faminto se fixa no ponto entre minhas pernas.

Inspiro lentamente e respondo: “Pode”.

O primeiro roçar de sua língua contra minha pele é como uma corrente elétrica disparando por minha coluna. Solto um gemido tão alto que ele levanta a cabeça abruptamente.

“Tuck tá em casa”, adverte, com um brilho divertido nos olhos, “então sugiro que a gente pegue leve.””

A narrativa é conduzida pela voz feminina de Hannah, que relata a cena em primeira pessoa, dando ao leitor acesso direto ao corpo e à emoção da personagem. O enunciado “Quer que eu pare?” e, posteriormente, “Posso?” configuram marcadores linguísticos de consentimento. São perguntas diretas, formuladas em tom baixo, que suspendem a ação física até o surgimento da resposta verbal.

Do ponto de vista bakhtiniano, essas falas expressam o caráter dialógico da linguagem: o ato só se realiza quando a voz do outro confirma o sentido do enunciado. A resposta “Pode” constitui o segundo movimento dessa interação, instaurando um contrato discursivo.

No nível ideológico, o consentimento aqui aparece como signo de respeito e reciprocidade, refletindo uma reconfiguração da masculinidade: o homem, tradicionalmente figura do desejo ativo, agora aguarda a autorização verbal da parceira, tornando-se coautor do discurso, não dominador.

A hesitação (“ele hesita”, “trêmulos”) e o cuidado (“Tuck tá em casa”, “pegue leve”) reforçam o consentimento como processo negociado e contínuo, e não como um evento pontual. O discurso erótico, portanto, é também um ato de linguagem responsiva, em que o “sim” feminino é o ponto de origem do sentido e da ação.

#### 4. 2. 2 *O erro* – Série Amores Improváveis (2016)

Nesta sequência, Logan, o melhor amigo de Garrett, envolve-se com Grace, uma personagem mais reservada que está tentando se afastar da imagem de “garota ingênua” como caloura e, ao mesmo tempo, lidar com a fama de conquistador de Logan. A cena ocorre no quarto dela, em um primeiro encontro, querendo trazer para a narrativa uma situação de duas pessoas jovens adultas se aventurando com “desconhecidos” dentro do contexto universitário.

##### ➤ Trecho do romance

Se os boatos que ouvi a respeito de Logan forem verdadeiros, o cara já dormiu com metade das meninas da Briar. Isso me parece uma estatística insanamente alta, então tenho certeza de que não é muito precisa, mas com certeza ele já pegou mais gente do que eu.

“Tudo bem se eu fizer isso?”, ele pergunta, acariciando entre minhas pernas.

Faço que sim e retribuo a carícia, então um gemido reprimido escapa de sua boca.

“Caralho, espera.” Logan se ajeita sobre o colchão, e meu coração para enquanto abre o zíper. Ele abaixa a calça o suficiente para liberar a ereção da cueca e também abaixa o elástico do meu pijama e da calcinha.”

A pergunta busca uma afirmação explícita de consentimento, demonstrando preocupação com o bem-estar do outro personagem. A estrutura linguística é simples e direta, refletindo uma tentativa de evitar ambiguidades. Essa negociação pode ser vista como um mecanismo de reprodução ideológica, em que o consentimento é utilizado para manter relações de poder equilibradas

#### 4. 2. 3 *A muralha de Winnipeg e Eu* (2016)

Vanessa, assistente de Aiden, um astro do futebol americano, vive com ele há anos como funcionária. A cena ocorre após o rompimento dessa hierarquia: é o primeiro contato sexual depois que o contrato de trabalho deixa de definir suas posições. O trecho marca a transição da relação profissional para o desejo íntimo.

##### ➤ Trecho do romance

Sem avisar, ele puxou minha calça até os joelhos, e enquanto eu ainda reagia ao gesto. Os dedos que ele usava para esfregar por cima da minha calcinha engancharam em um lado da parte que me cobria, e ele puxou o tecido.

— Sim? — ele perguntou ao roçar um dedo grande e grosso sobre o meu sexo exposto.

— Sim. — O que mais eu poderia dizer? Pelo que poderia implorar?

Os quadris se afastaram do meu traseiro antes de retornarem, e a ponta em forma de cogumelo que eu estava esfregando um segundo antes me cutucou por trás.

O trecho evidencia o consentimento em sua forma tensa e condensada. O enunciado “Sim?” aparece após um gesto físico já iniciado, ou seja, o ato precede a pergunta. Essa inversão, o corpo antes da palavra, insere ambiguidade ideológica: há busca de validação, mas também resquício de poder masculino que antecipa o movimento da fala.

A resposta “Sim.”, curta e assertiva, ainda que inserida no fluxo do desejo, funciona como marcador de agência: a voz feminina assume o comando da narrativa e nomeia o próprio querer.

Do ponto de vista bakhtiniano, trata-se de um diálogo que concentra tensão entre a ideologia de regulação (normas, moral, papéis de gênero) e de autonomia (liberdade, prazer, resistência).

O consentimento aqui é, portanto, ideologicamente híbrido: ele confirma o desejo e, simultaneamente, denuncia o desequilíbrio estrutural entre os gêneros, um traço comum nos romances de Mariana Zapata, em que a lentidão do envolvimento serve para deslocar o foco da conquista para a negociação emocional.

#### 4. 2. 4 *Cinquenta tons de cinza* (2012)

Anastasia Steele e Christian Grey vivem uma relação marcada por contratos de submissão e controle, em que o consentimento é tematizado de forma explícita. A passagem selecionada ocorre antes da assinatura do contrato e explicita a tensão entre o desejo e o poder.

##### ➤ Trecho do romance

— Diga que sim, — ele sussurra fervorosamente.

Franzo o cenho, porque não o entendo.

— Para o quê?

— Sim, para o nosso acordo. Para ser minha. Por favor, Ana — sussurra suplicante, enfatizando o “por favor” e meu nome. Volta a me beijar com paixão, e logo se afasta e me olha piscando. Agarra-me pela mão e me conduz de volta ao quarto, cambaleando um pouco, eu o sigo mansamente.

Aturdida. Ele realmente quer isso.

Já no quarto, observa-me junto à cama.

— Confia em mim? — pergunta-me, de repente. Eu concordo, sacudindo a cabeça, com os olhos muito abertos, de repente me dou conta de que, efetivamente, confio nele. O que vai fazer-me agora? Uma descarga elétrica me percorre o corpo.

— Boa garota, — ele me diz, passando o polegar pelo lábio inferior.

O enunciado “Diga que sim” evidencia o imperativo como forma de poder discursivo: o consentimento é solicitado, mas dentro de um campo de coerção afetiva. A pergunta “Confia em mim?” desloca o foco do ato físico para o laço emocional, substituindo a negociação explícita por uma transferência de autoridade.

Volóchinov (2017) entende que toda palavra pode refratar disputas ideológicas, no caso entre autoridade e unidade, de um lado, e resposta e pluralidade, de outro. Neste caso, o consentimento é centralizado no poder do sujeito masculino. Entretanto, a resposta corporal de Anastasia (seguir “mansamente”) sugere a coexistência de resistência e entrega: o discurso da submissão é, paradoxalmente, também o espaço em que a mulher experimenta o controle sobre sua própria entrega.

Ideologicamente, *Cinquenta tons de cinza* faz do consentimento uma representação performática da confiança. A ideologia do cuidado e da obediência se traveste de erotismo, o que permite que a submissão pareça escolha. O “sim” é, portanto, um ato dialógico contraditório, que une dominação e desejo sob a aparência de acordo.

#### 4. 2. 5 *Casada até quarta* (2017)

Samantha e Blake firmam um casamento de conveniência que evolui para um relacionamento afetivo genuíno. O trecho selecionado mostra a transição do contrato formal para a entrega emocional.

##### ➤ Trecho do romance

— Ah, meu Deus, faça isso de novo. Ele sorriu e fez o que ela pediu. Sentir a perna dela se esfregando na sua e seus quadris buscando contato fez cada músculo no corpo de Blake se

retesar ao toque. Será que já havia sentido tanta necessidade de uma mulher antes? Mas, mesmo com o cérebro intoxicado de desejo, ele queria ter certeza absoluta de que Samantha desejava o mesmo que ele. Blake enterrou as mãos nos cabelos dela e a forçou a olhar para ele.

— Tem certeza disso, Samantha? Seus olhos procuraram os dele.

— Sim — ela sussurrou. O coração de Blake martelou no peito.

— Minha proposta é para mais do que uma noite.

Reclinando-se para trás, ela levou a mão ao rosto dele e disse: — Ótimo. Uma noite não vai ser suficiente. Eu quero o ano inteiro.

O verbo “querer” aparece como eixo de reciprocidade. Blake busca verbalizar a segurança da parceira, convertendo o consentimento em um acordo emocional e simbólico. O uso reiterado de perguntas (“tem certeza?”, “minha proposta é para mais do que uma noite”) confere à cena um ritmo de negociação, típico do que Bakhtin chama de interação responsiva: cada enunciado supõe uma réplica que dá sentido à ação.

O consentimento, nesse caso, ultrapassa o físico, é também um pacto de duração (“um ano inteiro”), vinculando o desejo à estabilidade afetiva.

O signo ideológico do “sim” de Samantha reflete o imaginário romântico da entrega total, mas também uma subversão simbólica: o desejo é dela, a decisão também.

#### 4. 2. 6 *Conquistada até terça* (2017)

Rick e Judy vivem um relacionamento em que o amor amadurece sob dilemas morais e sociais. A passagem ocorre durante o primeiro momento de intimidade entre ambos.

##### ➤ Trecho do romance

O membro de Rick endureceu ao ouvir aquelas palavras. Ele segurou mais firme a nuca de Judy.

— Tem certeza? — sussurrou.

A resposta dela foi um beijo tímido, e Rick respondeu com uma voracidade que nem ele mesmo reconheceu. Ela passou os lábios sobre os dele como uma pena de anjo, provocando-o, e ele ameaçou engoli-la.

— Preservativo — disse. — Eu não...

Quando ele começou a se afastar, ela o segurou firme. — Eu tomo pílula. No último exame estava tudo bem.

— Eu estou bem, mas... tem certeza? Ela respondeu empurrando os quadris em sua direção. Ela nunca tinha transado sem camisinha. Mas fazer amor com Rick sem proteção parecia totalmente certo.

— Muito papo — ela sussurrou — e pouca ação.

Ele riu e a rolou na cama, até deixá-la por cima. Quando a cama rangeu, ambos congelaram e olharam para a porta.

A repetição do enunciado “tem certeza?” mostra o caráter processual do consentimento — não basta um “sim”, é preciso reiterar a concordância a cada novo limite atravessado.

O diálogo revela uma relação dialógica em que o poder oscila: o homem, mesmo em posição de dominação física, suspende a ação à espera da validação da mulher.

A cena é um microcosmo do que Volóchinov (2017) chama de palavra socialmente situada: os enunciados sobre proteção e saúde sexual (“preservativo”, “pílula”, “exame”) trazem o discurso público da biopolítica para dentro do íntimo.

Assim, o consentimento deixa de ser apenas erótico e torna-se biopolítico, refletindo uma ideologia contemporânea de cuidado e responsabilidade compartilhada.

#### **4. 2. 7 *A hipótese do amor: Capítulo extra (2022)***

Olive, uma jovem cientista, e Adam, professor e pesquisador, vivem uma relação baseada na tensão entre racionalidade e emoção. O trecho pertence ao capítulo extra, em que a autora mostra os acontecimentos do ponto de vista de Adam.

##### ➤ Trecho do romance

Ele pensa em algumas outras coisas para fazer com ela. Com cada pedacinho dela. Tantas coisas indecentes, lindas e obscenas. O que seria demais para você, Olive? O que posso te pedir para fazer? Quantas vezes? Você devia tomar cuidado. Estabelecer alguns limites. Dizer o que você quer.

Adam engole em seco. Respira fundo. Diz a si mesmo para se acalmar. Talvez nada aconteça. Talvez ela só queira um pouco de pegação. Uma diversão de leve, um carinho. Está tudo bem.

– E se você me odiar por isso depois? E se mudar de ideia e...

– Eu não vou. Eu... – Ela chega ainda mais perto. – Nunca tive tanta certeza de alguma coisa. A não ser, talvez, da teoria celular.

Ela sorri. Primeiro abre um sorriso meio hesitante, depois esperançoso e depois reluzente, e então se inclina para beijá-lo de novo e...

Então, os músculos dela ficam retesados. É repentino, e ele sente no mesmo segundo, como um balde de água fria na cabeça. Ele se afasta na hora.

– Assim está bom?

Olive está distraída, com uma expressão distante. E, por mais que seu pau já esteja doendo, algo muda no cérebro de Adam. Sim, ele quer lambe os peitos dela, mas quer mais ainda garantir a ela que está tudo bem.

Ele coloca a mão no quadril de Olive, o polegar fazendo carinho ali, tentando olhar para o rosto dela.

– Você está tensa. Não precisamos fazer...

– Eu quero. – Ela parece assustada. Na defensiva. Certamente está pensativa demais. – Eu disse que queria.

– Não importa o que você disse. Pode mudar de ideia a qualquer momento.

– Não vou mudar de ideia.

Ela é teimosa. É teimosa, e ele adora aquilo nela, assim como todas as outras coisas, mas isso... Ele não está disposto a se arriscar a continuar com isso se ela estiver em dúvida.

O diálogo de Adam e Olive exemplifica o consentimento como processo revogável. O enunciado “pode mudar de ideia a qualquer momento” rompe com a noção de decisão fixa — o “sim” é revisável, e isso é o que o torna ético.

A cena mostra, linguisticamente, o que Bakhtin denomina ato responsivo ético, o momento em que a linguagem incorpora a alteridade. Adam interrompe o desejo físico em nome da escuta do outro corpo, reconhecendo-o como voz.

Ideologicamente, o discurso de consentimento aqui é contra hegemônico: inverte a lógica do domínio e transforma o cuidado em erotismo. O poder está na escuta, não na ação.

#### 4. 2. 8 *Dom – Alliance Series* (2023)

Valentine e Dom vivem um jogo erótico de sedução e vulnerabilidade. A cena ocorre após o primeiro encontro, em que Valentine se sente ligada ao homem protetor que instiga nela sentimentos sobre solidão e companheirismo.

➤ Trecho do romance

Então ele se aproxima.

Sua altura coloca sua cabeça acima da minha, e observo seus olhos enquanto ele olha para mim no reflexo.

— O que... — eu paro.

Eu realmente não preciso perguntar o que estamos fazendo aqui. Mas ele me responde de qualquer maneira.

— Eu preciso provar você, Anjo. Um gostinho do que quer que você me dê.

Meus olhos saltam imediatamente para o desenho abstrato de um par de seios na parede.

Dom geme.

— Porra, Valentine, eu mataria por apenas um beijo. Mas vou provar eles também se você me deixar.

Meu olhar volta para encontrar o dele no espelho. Eles...? Ele quer provar meus seios? Ele gentilmente - muito gentilmente - passa as mãos pelos meus quadris até minha cintura.

— Eu deixaria você fazer isso — eu sussurro.<sup>1</sup>

A fala de Dom contém o condicional “se você me deixar”, que marca a dependência do desejo masculino ao aval feminino. O espelho, elemento narrativo, funciona como metáfora do duplo enunciador: cada gesto é observado e devolvido, instaurando uma relação de reflexividade discursiva.

A resposta “Eu deixaria você” é o ponto de equilíbrio: o consentimento se dá no condicional, como potencialidade, não imposição. A estrutura da cena encena a própria teoria de Bakhtin: o sentido surge no entre — entre o olhar e o reflexo, entre o pedir e o conceder.

#### 4. 2. 9. *Sleet Sugar* – Sleet Series (2021)

Zach e Izzy estão em um quarto de hotel, prestes a iniciar o ato sexual. O diálogo que antecede a relação transforma o pedido em um ritual de confirmação verbal.

##### ➤ Trecho do romance

<sup>1</sup> No original :“Then he steps closer. His height puts his head above mine, and I watch his eyes as he looks at me in the reflection. “What...” I trail off. I don’t really need to ask what we’re doing in here. But he answers me anyway. “I need a taste of you, Angel. A taste of whatever you’ll give me.” My eyes immediately jump to the abstract drawing of a pair of boobs on the wall. Dom groans. “Fuck, Valentine, I’d kill for just a kiss. But I’ll taste those too if you let me.” My gaze snaps back to meet his in the mirror. Those...? He wants to taste my breasts? He gently—so gently—ghosts his hands up my hips to my waist. “I’d let you,” I whisper.”

“Izzy.”

Eu deixo ela entrar primeiro no quarto, dessa forma ela pode observar o quarto enquanto fica de costas para mim. Eu estou em uma suíte, então é maior que os quartos padrões. Sofás chiques e um espaço aberto que eu planejo usar.

Ao ouvir seu nome, ela se vira pra mim.

Eu seguro seu olhar. – Eu preciso ouvir você dizer, em voz alta, que você quer isso. Eu não quero te envergonhar. Eu apenas preciso saber que estamos na mesma página.

Sua cabeça se move em um pequeno aceno. – Eu agradeço por isso, de verdade. – Então ela sorri e isso incendeia meu sangue. – Eu quero isso, Zach.

Eu dou um passo em sua direção. – O que exatamente você quer, Izzy?

Ela mantém seus olhos nos meus. – Eu quero que você me foda.

Puta. Merda.

Eu sabia o porquê de estarmos aqui, mas ouvir dessa forma, as palavras saindo de sua doce boca. Eu não consigo mais me conter.

Eu vou até ela, espalmando minha mão em seu pescoço e trazendo seus lábios até os meus.<sup>2</sup>

O consentimento aqui é explícito, performativo e verbalizado. A necessidade de “ouvir” e “dizer” transforma a fala em contrato, aproximando-se da ideia de signo ideológico como ato material (Volóchinov, 2017).

O homem assume o papel de mediador da comunicação, mas é a mulher quem define o ato, “Eu quero que você me foda”, deslocando o poder de decisão.

O texto explicita uma pedagogia contemporânea do consentimento, baseada na clareza e verbalização. Ideologicamente, é um discurso de igualdade e afirmação da voz feminina, sem ambiguidade nem paternalismo.

---

<sup>2</sup> No original: “Izzy.” I let her enter the room first, so she’s standing with her back to me, taking in the space. I have a suite, so it’s bigger than a standard room. Boasting couches and some open wall space that I plan to utilize. Hearing her name, she turns to face me. I hold her gaze. “I need to hear you say it, out loud - that you want this. I’m not trying to embarrass you. I just need to know that we’re on the same page.” Her head moves in the slightest nod. “I appreciate that. I really do.” Then she smiles, and it lights my blood on fire. “I want this, Zach.” I take a step towards her. “What exactly do you want, Izzy?” She holds my eye contact. “I want you to fuck me.” Holy. Shit. I knew that’s what we were here for, but hearing it like that, out of her sweet mouth, I can no longer hold back. I stride towards her, palm the back of her neck, and bring her lips to mine.

#### 4. 2. 10 Sweet Addiction – Whiskey Men: Wounded Heroes (2023)

Davis e Abby vivem um reencontro romântico após trauma. O trecho ocorre quando a confiança entre eles é testada pela exposição física.

➤ Trecho do romance:

Ela me olha com tanta confiança e desejo, mas eu ainda preciso perguntar enquanto tiro os fios de cabelo do rosto dela. – Você está bem com isso?

Ela bate o pé e me toca. – Pare. Sim, eu quero isso, Davis. Eu não estou mudando de ideia. Eu quero tudo que quiser me dar.

Eu levo meus dedos até a barra da camisa dela, seus olhos se arregalam quando começo a despi-la. Ela me para e olha envolta. –Devemos apagar a luz?

Minha mandíbula aperta. – Sem chances, baby. Eu quero ver você por inteiro.

Ela umedece os lábios – Você tem certeza?

Eu não consigo resistir. Me inclino e a beijo, porque isso é tudo em que consigo pensar.<sup>3</sup>

A expressão “Você está bem com isso?” é um marcador linguístico de cuidado, que implica bem-estar e reciprocidade, não apenas permissão. O consentimento é, portanto, afetivo e emocional.

A fala de Abby (“Eu quero tudo que quiser me dar.”) amplia o campo do consentimento para o amor e o afeto, não apenas o físico.

Do ponto de vista ideológico, a cena reafirma o valor do cuidado masculino, mas mantém traços do discurso de proteção: o homem pergunta, a mulher responde. Ainda assim, há coautoria discursiva, pois o “sim” de Abby é confiante e ativo.

#### 4. 2. 11. *Forging Silver into Stars* – Brigid Kemmerer

Os personagens Tessa e Weston vivem um romance em meio à reconstrução de um reino devastado. A relação é marcada por trauma e confiança.

<sup>3</sup> No original: She’s looking at me with so much trust and desire, but I still have to ask as I brush the hair away from her face, “You okay with this?” She taps her foot and reaches for me. “Stop. Yes, I want this, Davis. I’m not changing my mind. Anything you’re willing to give, I want.” I reach for the hem of her T-shirt, and her eyes widen as I start to pull it up her body. She stops me and looks around the room. “Should we turn the lights off?” My jaw tightens. “No way, baby. I want to see all of you.” She licks her lip. “Are you sure?” I can’t resist. I lean down and kiss her because that’s all I’ve thought about.

➤ Trecho do romance:

-Você pode ficar com a minha cama. – Eu hesito. Não sei dizer se estou decepcionada — ou aliviada.

- Não quero te expulsar da sua própria cama.

- Bem, não faço ideia do estado dos lençóis do meu pai, - ele diz, com um meio sorriso.

– Mas prometo que estou te dando a melhor opção.

Quando continuo parada, ele me observa, os olhos procurando os meus.

- É isso que você quer? –pergunto, finalmente.

-Não – ele responde. – Mas eu não vou tomar nada que você não queira me dar.

As palavras me atingem com mais força do que eu esperava. Não apenas de um jeito romântico — de qualquer jeito. Ninguém nunca me disse algo assim. Nem mesmo Grey.

Não são só as palavras — é o peso da verdade que vem junto delas. Preciso fechar os olhos e respirar fundo.<sup>4</sup>

O verbo “tomar” contraposto a “dar” estrutura o consentimento como ato de doação voluntária. O enunciado negativo (“Eu não vou tomar nada...”) é, paradoxalmente, afirmativo em ética: recusa a apropriação.

Sob o olhar bakhtiniano, essa fala encarna o signo ideológico do respeito, o poder se define pela recusa ao poder. O desejo, aqui, é discursivamente moralizado: só é legítimo se partilhado.

#### 4. 2. 12 *That Self-Same Metal* – Brittany N. Williams

Joan, atriz e espadachim, vive um romance com Nick durante uma peça teatral. A cena mistura ficção e realidade, confundindo o papel da personagem e da mulher.

➤ Trecho do romance:

Ela tentou falar sem gaguejar.

<sup>4</sup> No original: “You can have mine.” I falter. I can’t tell if I’m disappointed—or relieved. “I don’t want to chase you out of your own bed.” “Well, I have no idea about the state of my father’s bedding,” he says. “But I promise I’m giving you the better option.” When I fail to move, he studies me, his eyes searching mine. “Is that what you want?” I finally say. “No,” he says. “But I’m not taking anything you don’t want to give.” The words hit me harder than I’m ready for. Not just in a romantic way. In any way. No one’s ever said anything like that to me. Not even Grey. It’s not just the words, it’s the heavy truth behind it. I have to close my eyes and take a breath.”

- T-tão distante sejas; e b-boia noite, doce amigo. – Não tinha certeza se já travara uma batalha tão difícil. – Que teu amor jamais mude até o fim da tua doce vida.

A mão dele deslizou para a nuca dela e a puxou para mais perto. Seus olhares se encontraram. Ele parou; as sobrancelhas se franziram.

Ele esperava por sua permissão, porque não podia saber se a recusa de Hermia refletia a de Joan, e não a forçaria, caso refletisse.

O estômago de Joan se revirou. Se ele soubesse o quanto ela o queria, não haveria hesitação. Uma única palavra os separava de um beijo, belo, arrebatador, inevitável.

Diante de mil espectadores.

O pensamento lhe deu coragem.

Ela avançou, encurtou a distância entre eles e respondeu com um beijo.

Nick gemeu e a puxou para ainda mais perto.<sup>5</sup>

Ela prendeu o lábio inferior dele entre os seus e suspirou enquanto ele se derretia em seus braços. O polegar de uma das mãos acariciou a bochecha, enquanto a outra desenhava círculos em suas costas.

O verbo “esperava” sintetiza a ética do consentimento: o tempo da espera é o tempo do respeito.

A indecisão entre “Hermia” (personagem) e “Joan” (mulher) cria um diálogo interno entre papéis sociais, o eu público e o eu íntimo. O consentimento emerge como limite entre identidade e performance.

O beijo, quando ocorre, é resposta, não conquista. A cena dramatiza o que Bakhtin chama de multiplicidade de vozes, o discurso social do teatro, o discurso íntimo da mulher e o discurso moral do desejo se cruzam, gerando ambiguidade e profundidade.

#### 4. 2. 13 *O príncipe corvo* – Elizabeth Hoyt

Ambientado na Inglaterra georgiana, o romance retrata a aproximação entre o conde Simon e Anna, uma viúva independente.

<sup>5</sup> No original: “She tried to speak without stuttering. “S-so far be d-distant; and g-good night, sweet friend.” She wasn’t sure she’d ever fought a battle so hard. “Thy love ne’er alter till thy sweet life end.” His hand slipped around the back of her neck and pulled her in close. Their eyes met. He stopped; his brows knitted. He was waiting for her permission because he couldn’t be sure if Hermia’s refusal mirrored Joan’s own and wouldn’t push her if it did. Joan’s stomach fluttered. If he knew how much she wanted him, there’d have been no hesitation. A mere word kept their lips from meeting in beautiful, blissful union. In front of a thousand spectators. The thought made her bold. She pressed forward, closed the distance between them, and answered him with a kiss. Nick moaned and pulled her closer. She caught his full, lower lip between hers and sighed as he melted into her. The thumb of one hand brushed across her cheek and the other drew circles on her lower back.”

➤ Trecho do romance:

Ele indicou o bloco de montagem, e Anna se aproximou, hesitante. Ela conhecia a teoria de montar um cavalo com a sela de amazona, mas a realidade era um pouco mais complicada. Ela conseguiu colocar um pé no estribo, mas teve dificuldade em se erguer para passar a outra perna por cima da parte mais alta da sela.

— A senhora me permite? — O conde estava atrás dela. Ela podia sentir a respiração quente, o leve odor de café em sua bochecha quando ele se curvou por cima dela.

Anna acenou com a cabeça, muda.

O conde pôs as mãos grandes ao redor da cintura dela e a ergueu sem esforço visível. Delicadamente, ele a ajeitou na sela e manteve o estribo firme para o pé dela. Anna sentiu-se enrubescer quando baixou os olhos para a cabeça inclinada do conde.

O enunciado “A senhora me permite?” é o vestígio histórico do consentimento formal, enraizado em convenções de cortesia e hierarquia. A linguagem revela o poder social do homem nobre e a limitação de fala da mulher (“muda”).

Entretanto, o gesto de Anna, acenar, é ato de linguagem não verbal, conforme Bakhtin (2011): todo gesto também é enunciado. Assim, mesmo silenciada, ela participa do discurso, respondendo. O consentimento, nesse caso, é ideologicamente moderado: mantém a forma da submissão, mas insinua autonomia simbólica.

#### 4. 2. 14 *Em chamás* – Suzanne Collins

O romance, de forte caráter distópico, se passa em Panem, um regime autoritário que controla os corpos e as vontades dos cidadãos. Nesse contexto, o relacionamento entre Katniss Everdeen e Peeta Mellark não é apenas uma trama amorosa, mas também um instrumento político e simbólico: a simulação de um casal serve como estratégia de sobrevivência em meio à vigilância do poder central.

➤ Trecho do romance:

- Inclina-se um minuto primeiro - ele diz - Preciso te dizer algo.

Eu me inclino e coloco meu ouvido bem nos lábios dele, o que provoca cócegas quando ele sussurra.

- Lembre-se, estamos loucamente apaixonados, então não tem problema me beijar quando sentir vontade.

Neste trecho, Peeta, verbaliza o consentimento de maneira indireta, oferecendo à Katniss, liberdade para agir. Embora o enunciado pareça leve e afetivo, ele está inserido em um contexto de controle e vigilância. Assim, o ato de consentir ultrapassa o nível íntimo e adquire valor ideológico, pois é também uma estratégia de sobrevivência.

Segundo Bakhtin (2011), o diálogo é sempre atravessado por múltiplas vozes. Aqui, a voz de Peeta dialoga tanto com Katniss quanto com o poder opressor que observa e define seus comportamentos. O consentimento, nesse caso, é construído como um signo ideológico que representa simultaneamente afeto, resistência e submissão.

A análise permite observar que o “pode me beijar” é um enunciado de dupla função: reafirma a liberdade da mulher de agir quando quiser, mas também reconhece os limites impostos por um contexto social repressivo.

#### **4. 2. 15 *A Maldição do Tigre* – Colleen Houck**

No romance, Kelsey é uma jovem que se aproxima de Ren primeiro como alguém que cuida de um tigre encantado, para depois descobrir que ele é, na verdade, um príncipe amaldiçoado. A cena selecionada ocorre em um momento de transição entre a relação de companheirismo e a possibilidade de um envolvimento amoroso, quando Ren explicita seu interesse por Kelsey.

##### ➤ Trecho do romance:

Ele se sentou, apoiando-se em uma só mão, o que trouxe aquele rosto lindo para muito perto do meu. Seus dedos deslizaram até o meu queixo e ele inclinou meu rosto de modo que os meus olhos encontrassem o azul intenso dos seus.

– Kelsey?

– Sim? – sussurrei.

– Eu queria sua permissão... para beijá-la.

Opa. Alerta vermelho! A sensação confortável que eu desfrutava havia apenas alguns minutos com o meu tigre tinha desaparecido. Eu me senti extremamente nervosa e aflita. Minha perspectiva girou 180 graus. É claro que eu tinha consciência de que um coração de homem

batia dentro do corpo de tigre, mas, de alguma forma, eu havia empurrado esse conhecimento para o fundo da mente.

O fato de que ele era um príncipe explodiu em minha mente. Eu o fitei, atônita. Ele era, para ser sincera, muita areia para o meu caminhãozinho. Eu jamais considerara a possibilidade de um relacionamento com ele.

Sua pergunta me forçou a reconhecer que meu tigre de estimação, com quem eu me sentia totalmente à vontade, era, na verdade, um modelo de masculinidade. Meu coração martelava no peito. Vários pensamentos cruzavam minha mente ao mesmo tempo, mas o predominante era: eu gostaria muito de ser beijada por Ren.

Outros pensamentos se insinuavam nos limites da minha consciência, como: é muito cedo, nós mal nos conhecemos, talvez ele só esteja se sentindo sozinho. Mas deixei que fossem levados para longe. Ignorando a cautela, decidi que queria, sim, que ele me beijasse.

Ren chegou um milímetro mais perto de mim. Fechei os olhos, respirei fundo e então... esperei. Quando abri os olhos, ele ainda me fitava; estava mesmo esperando minha permissão. Não havia nada no mundo que eu quisesse mais naquele momento do que ser beijada por aquele homem lindo.

Mas eu arruinei tudo. Por alguma razão, me fixei na palavra permissão.

– O que... é... o que você quer dizer com querer minha permissão? – perguntei, nervosa.

Ele me olhou com curiosidade, o que me deixou ainda mais em pânico.

Eu não só nunca beijara um garoto antes como nunca encontrara um que eu quisesse beijar até conhecer Ren. Assim, em vez de beijá-lo, fiquei aturdida e comecei a apresentar razões para não fazê-lo.

– Garotas precisam ser arrebatadas – balbuciei – e pedir permissão é tão... tão... antiquado. Não é espontâneo. Não combina com paixão. Se você tem que pedir, então a resposta é... não.

Que idiota!, pensei comigo. Acabei de dizer a este lindo e gentil príncipe de olhos azuis que ele é antiquado.

O momento em que Ren pede “permissão para beijar” Kelsey revela o conflito entre o desejo e a ética do consentimento. O pedido transforma o gesto em ato ético e dialógico, mas a protagonista reage com desconforto, associando a palavra “permissão” à falta de paixão e à quebra da espontaneidade.

Esse embate expressa uma tensão ideológica: Ren encarna uma voz de responsabilidade e respeito, enquanto Kelsey representa a ideologia romântica tradicional, que identifica o amor

verdadeiro à impulsividade e ao arrebatamento. A ideia de “permissão” torna-se o ponto de choque entre discursos modernos de igualdade e valores herdados do patriarcado, segundo os quais o desejo feminino é reativo, não deliberado.

A cena mostra que o consentimento, mesmo quando ético e verbalizado, ainda carrega contradições culturais. O desconforto de Kelsey revela a persistência de ideologias que naturalizam a paixão como irracional, resistindo à ideia de um desejo que se expressa por meio da palavra e da negociação. Desse modo, *A Maldição do Tigre* exemplifica o consentimento como signo ideológico ambíguo, simultaneamente libertador e limitador, em disputa entre o ético e o afetivo.

#### 4. 3 SÍNTESE ANALÍTICA: SIGNO IDEOLÓGICO E RELAÇÕES DIALÓGICAS DO CONSENTIMENTO

Os trechos analisados evidenciam que “consentimento” opera, no romance, como signo ideológico (Volóchinov, 2017) e como evento dialógico (Bakhtin, 2011). Como signo, ele condensa valores em disputa — cuidado, desejo, risco, hierarquia e agência — e reflete ideologias de gênero; como evento, ele só se realiza na resposta do outro, em um movimento de perguntar–confirmar–negociar que organiza a cena erótica e o sentido social do contato.

Para demonstrar isso, reuni os achados em três eixos que dialogam diretamente com os critérios de análise (linguagem, poder e contexto):

##### **Eixo A — Estruturas linguísticas (modalização, pergunta, pausa, gesto)**

Nos romances contemporâneos, como *O Acordo* e *A Hipótese do Amor*, prevalece o consentimento explícito e contínuo, marcado por expressões como “Tudo bem se...?”, “Quer que eu pare?”, “Posso?” e “Você está bem com isso?”.

A forma interrogativa, somada a modalizadores (“tudo bem”, “pode”), atua como um freio ético que suspende a ação até a resposta.

Em *A Hipótese do Amor*, por exemplo, o enunciado “Pode mudar de ideia a qualquer momento” introduz o princípio da revogabilidade, que transforma o consentimento em processo.

Em *That Self-Same Metal* e *O Príncipe Corvo*, vemos consentimentos não verbais: hesitação, silêncio e gestos que funcionam como enunciados.

O par “posso?” × “não precisa pedir toda vez”, observado em *A Hipótese do Amor*, mostra como o consentimento se torna hábito discursivo, mas não perde sua função de negociação e escuta.

Já em *A Maldição do Tigre*, o signo “permissão” introduz tensão semântica: o consentimento é enunciado, mas provoca desconforto na personagem, revelando que o vocabulário da ética moderna ainda soa estranho dentro da lógica romântica da paixão.

### **Eixo B — Relações de poder (assimetria, cuidado, risco)**

Nos romances de ética cuidadosa, a pergunta devolve agência à personagem feminina e redistribui a iniciativa — como em *O Acordo* e *Forging Silver into Stars* (“não vou pegar nada que você não queira me dar”).

Em contrapartida, *Cinquenta Tons de Cinza* desloca a checagem de consentimento para um eixo de autoridade e confiança (“confia em mim?”; “boa garota”), sinalizando que há negociação, mas ancorada em hierarquia.

Em *Conquistada até Terça*, a repetição de “tem certeza?” aparece no debate sobre preservativo, ampliando o consentimento para a ética do risco (corpos, saúde e responsabilidade compartilhada).

### **Eixo C — Contexto narrativo (códigos históricos, performance social)**

Nos romances históricos (*O Príncipe Corvo*) e nas cenas públicas ou performativas (*Em Chamas*), o consentimento é mediado por códigos de época (etiqueta, hierarquia de classe) e por narrativas externas (o olhar social).

Assim, a mesma forma “me permite?” pode ser cortês e cuidadosa, mas também indexar classe e gênero, revelando como o signo consentimento não é neutro: ele se adapta e reitera (ou tensiona) a ordem social.

Em *A Maldição do Tigre*, esse código é simbólico e emocional: o conflito entre ética e arrebatamento traduz o embate cultural entre o ideal de liberdade e a nostalgia do amor passionais.

O signo do consentimento, portanto, é histórico e mutável, espelhando as tensões de gênero e de tempo em que é produzido.

Com base em Bakhtin, esses eixos mostram que os enunciados sobre consentimento respondem a discursos sociais amplos, moral sexual, masculinidades, feminilidades e educação

afetiva contemporânea, e que a responsividade é o que faz do consentimento, no romance, tanto um recurso narrativo quanto um lugar de disputa ideológica.

#### 4. 4 PADRÕES RECORRENTES

Nos trechos analisamos reconhecemos os seguintes padrões recorrentes:

- a) consentimento como processo (não evento pontual): perguntar–responder–confirmar–poder revogar;
- b) desambiguação lexical: predomínio de perguntas diretas e modalizadores que evitam pressuposição de desejo (“tudo bem se...”, “posso?”, “sim ou não?”);
- c) cuidado e conforto como critério: checagens do estado emocional (“você está bem com isso?”) e pausas diante da tensão corporal;
- d) agência feminina visível: o “sim” aparece como afirmação verbal ou gesto que conduz a cena (beijo que responde; “eu quero isso, Davis”; “Eu deixaria você fazer isso”). Entretanto, casos como o de Kelsey mostram que a agência pode ser tensionada pela crença de que o amor deve ser espontâneo, não negociado.
- e) ambivalência ideológica: o mesmo signo pode resistir (igualdade responsiva) e reproduzir hierarquias (paternalismo, autoridade carismática);
- f) variação histórico-cultural: a forma do consentimento é histórica (etiqueta, classe, moral), logo, seus efeitos de sentido dependem do contexto narrativo, sendo *A Maldição do Tigre* um exemplo de como essas ideologias colidem dentro de uma mesma narrativa.

Em síntese, os padrões apontam que o consentimento, nos romances analisados, é processual e responsivo, organizado por perguntas diretas e modalização que suspendem a ação até o assentimento explícito; que o conforto/cuidado é critério de legitimidade da cena; que a agência feminina se torna visível tanto pelo “sim” verbal quanto por gestos-resposta; e que a mesma forma enunciativa pode operar de modo ambivalente, ora reequilibrando poderes, ora reforçando paternalismos sob linguagem de proteção.

Além disso, a historicidade dos códigos (etiqueta, classe, olhar público) mostra que o consentimento é um signo histórico, cujos efeitos de sentido variam conforme o contexto narrativo. Esses traços, tomados em conjunto, sustentam a leitura do consentimento como signo ideológico e evento dialógico, no qual ética e desejo se (re)negociam a cada cena.

#### 4. 5 QUEM ESCREVE/PARA QUEM SE ESCREVE: AUTORIA, LEITORADO E FUNÇÃO DO CONSENTIMENTO

A autoria feminina, em articulação com um público majoritariamente feminino, configura um horizonte de expectativas no qual o consentimento cumpre funções centrais na organização do discurso romanesco. Em primeiro lugar, ele opera como elemento poético, sustentando a ligação afetiva e marcando o ritmo do desejo. Ao textualizar a pergunta (“posso?”, “quer que eu pare?”), o romance converte o diálogo em fator de tensão narrativa, produzindo um suspense que é simultaneamente ético e erótico. O consentimento deixa, assim, de ser um dado implícito da cena íntima e passa a funcionar como gesto estruturante da progressão do enredo.

Essa recorrência não pode ser compreendida apenas no plano estético. O consentimento desempenha também uma função política, ao reconfigurar a cena íntima como espaço de autonomia e reciprocidade, tensionando narrativas tradicionais de silenciamento feminino. Em determinados subgêneros, esse movimento desafia a naturalização da passividade da mulher e problematiza traços paternalistas ainda presentes no romance, como se observa em *O acordo e Forging Silver into Stars*. Ao deslocar a iniciativa para a linguagem da negociação, essas narrativas reinscrevem o desejo feminino como ativo e legitimado.

Há ainda uma dimensão pedagógica, entendida aqui em sentido amplo e não escolar. A repetição de práticas discursivas de checagem, negociação e revogabilidade do desejo contribui para a normalização de modos específicos de falar sobre intimidade, produzindo uma forma de letramento afetivo que circula entre leitoras. O romance passa, assim, a funcionar como espaço de aprendizagem simbólica, no qual se experimentam formas possíveis de dizer o limite, a recusa e a confirmação do desejo.

Em termos bakhtinianos, essas obras se constituem no cruzamento de diferentes vozes sociais. Elas dialogam tanto com discursos feministas e de educação sexual quanto com ideologias tradicionais do romance, como a valorização da espontaneidade, do cavalheirismo e da pureza. Nesse diálogo, o consentimento emerge como signo ideológico ambíguo, capaz de desestabilizar hierarquias de gênero, mas também de reiterá-las sob novas formas, dependendo do modo como é formulado e interpretado no interior da cena narrativa.

*A Maldição do Tigre* exemplifica de maneira significativa essas tensões. O pedido explícito de “permissão para beijar” configura um gesto ético e cuidadoso, mas é recebido pela protagonista como antirromântico, associado à perda do arrebatamento e da paixão. Essa reação

evidência que a incorporação do consentimento como prática discursiva ainda encontra resistência cultural, mesmo em narrativas que se propõem a valorizar a agência feminina. O romance contemporâneo escrito por mulheres, nesse sentido, não apenas ensina o consentimento, mas expõe os conflitos simbólicos que atravessam sua aceitação.

Pensar a autoria feminina nesses romances não significa, portanto, reduzi-la a uma identidade empírica, mas compreendê-la como posição-sujeito discursiva, historicamente constituída. Ao escrever para outras mulheres, essas autoras se inscrevem em um horizonte de expectativas no qual a escuta, a negociação e a validação do desejo feminino assumem valor simbólico central. Esse posicionamento autoral incide diretamente sobre a forma como o consentimento é textualizado e integrado à cena erótica.

Essa perspectiva permite formular uma pergunta contrafactual produtiva: como esses mesmos enunciados de consentimento seriam construídos se esses romances fossem escritos por homens? É possível supor que deslocamentos ideológicos ocorreriam tanto na forma de solicitar o consentimento quanto nos efeitos de sentido produzidos pela cena. A voz masculina, historicamente associada à iniciativa e à autoridade, poderia reforçar assimetrias ou reinscrever o consentimento como concessão, e não como coautoria do desejo.

Nos romances analisados, a autoria feminina contribui para que o consentimento apareça menos como formalidade moral e mais como prática discursiva integrada ao erotismo, ao cuidado e à agência. Trata-se de um gesto ideológico que reposiciona a mulher como sujeito de linguagem e de desejo, ainda que esse reposicionamento conviva com resíduos de narrativas tradicionais do romance. O que se observa, portanto, não é uma ruptura total, mas um processo dialógico contínuo, no qual texto, autoria e leitoras negociam sentidos entre o ético e o afetivo, o moderno e o tradicional.

## 5 CONCLUSÃO

Nesta seção, apresentamos a síntese dos resultados desta pesquisa, articulando as discussões teóricas do Círculo de Bakhtin com as descobertas de nossa análise acerca do discurso de consentimento em romances contemporâneos de autoria feminina.

O intuito central foi analisar como o consentimento é construído e representado nesses romances, compreendendo suas implicações ideológicas e linguísticas. A análise permitiu observar que o discurso de consentimento é frequentemente construído por meio de diálogos explícitos, nos quais os personagens buscam reafirmar a vontade e o conforto do outro.

A pesquisa demonstrou sua relevância ao abordar um gênero popular (o romance contemporâneo) como um palco dialógico do discurso amoroso. Ao analisar o corpus, confirmamos que a pergunta-problema central — Por que mulheres se importam com consentimento em seu livro de romance? — encontra resposta no próprio modo como essas narrativas fazem do “sim” e do “não” não apenas gestos morais, mas práticas de fala que constroem subjetividades e poder de decisão.

No romance contemporâneo lido majoritariamente por mulheres, o consentimento opera como chave de agência narrativa e simbólica: autoriza o prazer sem abdicar da autonomia; transforma a cena íntima em espaço de resposta, em que a voz feminina decide, pausa, revoga e conduz. Ao mesmo tempo, por ser um signo ideológico, o consentimento revela, e às vezes reproduz, tensões de poder herdadas (paternalismo, autoridade carismática), que os textos ora contestam, ora modulam.

Os resultados alcançados em relação aos objetivos específicos foram:

- a) objetivo do discurso de consentimento e sua representação nas relações entre personagens: o consentimento estrutura a cena como negociação responsiva (perguntar–responder), estabilizando o encontro por meio de marcas linguísticas (perguntas diretas, modalizadores) e somáticas (pausas, gestos). Ele organiza ritmo, segurança e desejo, e permite que o texto performe uma ética do cuidado sem perder intensidade erótica;
- b) quem escreve e para quem se escreve: autorias femininas escrevem para um público majoritário de mulheres; essa comunidade de enunciação favorece a visibilidade da agência feminina e legitima a linguagem do “sim/não” como prazer e direito. O romance torna-se um gênero em que experiências e expectativas de leitoras dialogam com a cena ficcional;
- c) mecanismos linguísticos e ideológicos do discurso de consentimento: linguisticamente, observamos o predomínio de interrogativas diretas, modalizadores (“tudo bem”, “posso?”, “tem certeza?”), repetições (checagem), metalinguagem (“preciso ouvir você dizer”) e o princípio da

revogabilidade (“pode mudar de ideia”). Ideologicamente, há um claro deslocamento da iniciativa (do “tomar” para o “oferecer”) e ênfase no conforto, mas com ambivalências quando a checagem se ancora em hierarquia (“confia em mim?”);

d) relação com ideologia, poder e linguagem (Bakhtin/Volóchinov): como signo ideológico, o consentimento refrata lutas por autonomia e reconhecimento, e reflete ideologias de gênero; como relação dialógica, ele só existe no encontro entre vozes situadas (gênero, classe, status), revelando a persistência de verticalidades em que a confiança substitui a paridade responsiva.

No que diz respeito a contribuições, limitações e avanços futuros, a pesquisa demonstra que o romance popular contemporâneo é um laboratório discursivo em que o consentimento é testado, normalizado e, às vezes, contestado. Em termos de teoria da linguagem, o estudo evidenciou como um conjunto de formas enunciativas recorrentes (interrogativas, modalizadores, gestos) produz efeitos ideológicos distintos conforme o contexto narrativo.

Como limitação, destacamos que o corpus, embora amplo e variado, privilegiou a tradução brasileira de best-sellers e parte do recorte dos livros escritos em inglês. Para avanços futuros, sugere-se: (i) ampliar para romances homoafetivos e distópicos em português do Brasil, como forma de estudar o consentimento em relações não-heteronormativas ou biopolíticas; (ii) comparar originais e traduções para observar como escolhas tradutórias modulam o léxico do consentimento; (iii) combinar análise discursiva com dados empíricos de leitoras (entrevistas, resenhas); e (iv) considerar a leitura por parte dos homens e como ela os afeta.

À luz de Bakhtin e Volóchinov, o consentimento, nesses romances, é menos um “sim” protocolar e mais uma forma de vida discursiva: uma prática de linguagem que dá forma à autonomia, interroga a hierarquia e reencena, no nível do enunciado, a disputa por sentidos do corpo, do prazer e do poder. É por isso que mulheres se importam com consentimento em seus romances: porque nele se joga, de modo estético e ético, o direito de dizer, sentir e decidir, e de fazer o outro escutar.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

BYBEE, Catherine. **Casada até quarta**. São Paulo: Verus Editora, 2017.

BYBEE, Catherine. **Conquistada até terça**. São Paulo: Verus Editora, 2017.

COLLINS, Suzanne. **Em chamas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

FORD, Hope. **Sweet Addiction**. (Whiskey Men: Wounded Heroes). [S.l.]: Independently Published, 2023.

HAZELWOOD, Ali. **A hipótese do amor**. Rio de Janeiro: Arqueiro, 2022.

HOUCK, Colleen. **A maldição do tigre**. São Paulo: Arqueiro, 2011.

HOYT, Elizabeth. **O príncipe corvo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

JAMES, E. L. **Cinquenta tons de cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

KEMMERER, Brigid. **Forging Silver into Stars**. New York: Bloomsbury Publishing, 2022.

KENNEDY, Elle. **O acordo**. (Série Amores Improváveis, vol. 1). São Paulo: Paralela, 2016.

KENNEDY, Elle. **O erro**. (Série Amores Improváveis, vol. 2). São Paulo: Paralela, 2016.

ROMANCE WRITERS OF AMERICA. **“About the Romance Genre.”** 2021. Disponível em: [https://www.rwa.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=148:about-the-romance-genre&catid=20:about-category&Itemid=182](https://www.rwa.org/index.php?option=com_content&view=article&id=148:about-the-romance-genre&catid=20:about-category&Itemid=182). Acesso em: 22 de maio de 2025.

TILLY, S. J. **Dom**. (Alliance Series). [S.l.]: Independently Published, 2023.

TILLY, S. J. **Sleet Sugar**. (Sleet Series). [S.l.]: Independently Published, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

WILLIAMS, Brittany N. **That Self-Same Metal**. New York: Amulet Books, 2023.

ZAPATA, Mariana. **A muralha de Winnipeg e eu**. São Paulo: Editora Record, 2016.